

# PENSAMENTO E PALAVRA EM LEV S. VIGOSKI

Augusto Ponzio\*

Universidade de Bari Aldo Moro

Tradução do ensaio *Pensiero*

e *parola* in Lev S. Vygoskij, por Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti e Giorgia Brazzarola\*\*

*A relação da palavra com o pensamento e a formação de novos conceitos  
são um processo da alma muito complexo, misterioso e delicado.*

(L. N. Tolstói)

## 1 VIGOTSKI NO SEU TEMPO E HOJE

O contexto histórico em que viveu Lev S. Vigotski (nascido em 1896 e falecido em 1934, o mesmo ano da publicação de seu livro *Myšlenie i reč – Pensamento e Linguagem*<sup>1</sup>) é aquele que Roman Jakobson descreveu em *Uma geração que esbanjou seus poetas* (v. JAKOBSON 1930; L. PONZIO, 2015). Na primeira metade dos anos 1890, nasceram também Mikhail Bakhtin (1895) e dois dos maiores componentes de seu Círculo, Pavel Medviédev (1892) e Valentin Volochínov (1895), que, como Vigotski, ocupam-se de problemas concernentes aos signos, à relação linguagem-pensamento, à arte (v. BACHTIN e il suo Circolo, 2014). Bakhtin foi mandado para o exílio primeiro no Cazaquistão e depois em Mardóvia. Como Vigotski, também Volochínov morreu, em 1936, de tuberculose. Em 1938, Medviédev foi preso e fuzilado e todos os seus documentos, como aconteceu também com Vigotski, requisitados.

---

\* Professor Emérito de Filosofia e Teoria da Linguagem na Universidade de Bari Aldo Moro – Itália. Dirige, desde 1990, a série *Athanor*, com foco em Semiótica, filosofia, arte e literatura.

\*\* **Sobre as tradutoras:** Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti é Pós-doutora em Filosofia da Linguagem; professora do Programa de Pós-graduação em Linguística e do Curso de Letras Português da UFSC/SC; Líder do Grupo de Pesquisa Cultura Escrita e Escolarização, vinculado ao NELA/UFSC. E-mail: [ma.rizzatti@gmail.com](mailto:ma.rizzatti@gmail.com). Giorgia Brazzarola é tradutora de nacionalidade italiana, Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora de língua italiana. E-mail: [gbrazzarola@gmail.com](mailto:gbrazzarola@gmail.com).

<sup>1</sup>N.T.: No Brasil: A construção do pensamento e da linguagem, tradução de Paulo Bezerra diretamente do russo para a editora Martins Fontes.

Os textos que temos de Lev S. Vigotski, aqueles editados e os que permaneceram inéditos, atestam que ele se encaminhava para realizar um grande projeto teórico, que teria contemplado certamente a psicologia, mas que, ao mesmo tempo, envolvia campos disciplinares diversos, sobretudo aqueles das ciências da linguagem, bem como a ‘filosofia da linguagem’, da qual Valentin Volochínov, em seu livro de 1929, significativamente intitulado *Marxismo e filosofia da linguagem*, lamentava a quase total ausência na União Soviética.

Provavelmente Vigotski conheceu esse livro, assim como o livro precedente de Volochínov, *O freudismo*, estudo crítico de 1927, no qual, no § 3 do capítulo X, intitulado ‘Crítica às apologias marxistas do freudismo’ (em russo e em italiano em Bachtin e il suo Circolo, *Opere 1919-1930*, 2014, v. p. 570-578; em português sob o nome de Mikhail Bakhtin, 2009, p. 99-103). Volochínov critica o ponto de vista de A. R. Luria, colaborador de Vigotski. Este último conhecia também a obra de Mikhail Bakhtin (de cuja ‘escola’ o ‘círculo Volochínov’, como dissemos, fazia parte), provavelmente em razão de interesses bakhtinianos pela arte e pela literatura e por Dostoiévski (v. BACHTIN, 1929). Escreve Luciano Mecacci, na introdução a sua edição crítica italiana de *Myslenie i reč*: “Vygotskij leggeva ed usava altri testi tabù come le opere di Bachtin-Vološinov” (em VYGOTSKIJ, 1934, tr. it. ix). E não se pode excluir, pelos mesmos motivos, o livro de 1928, *O método formal nos estudos literários*, de Pável N. Medviédév, outro expoente importante do Círculo de Bakhtin (como mencionamos anteriormente, preso e fuzilado, sem ser processado, em 1938).

As leituras de Vigotski incluem outras obras de psicologia como A. Adler, J. M. Baldwin, K. Bühler, S. Freud, P. Janet, K. Koffka, W. Köhler, J. Piaget; de pedagogos como E. Claparède e M. Montessori; de linguistas como L. P. Jakubinkij (autor, em 1923, do ensaio ‘Sobre o discurso dialógico’ e que Volochínov teve como professor em Leningrado durante o curso de doutorado no qual se inscreveu em 1924); G. Špet, filósofo e linguista estudante de Edmund Husserl, cujas aulas frequentou na Universidade de Sanjavskij de Moscou; K. Vosler; os componentes do Círculo Linguístico de Praga, e, por meio da obra da linguista russa R. Sor, também F. de Saussure.

Vigotski, nos anos 1920 – a partir da sua exposição ‘A consciência como problema da psicologia do comportamento’ no II Congresso de Neuropsicologia de 1924, depois publicada em 1925 no livro editado por K. N. Kornilov, *Psicologija i marksizm* –, deu uma significativa contribuição para o início da determinação da especificidade dos processos psíquicos humanos, por meio de uma crítica pioneira ao comportamentalismo, decorrente da teoria reflexológica russa (Bechtereve e Pavlov). A importância desse ensaio, assim como da obra inteira de Vigotski, não pôde ser apreciada senão a partir dos anos 1960. A edição crítica de *Pensamento e linguagem* (ao que parece, a única até agora fiel e completa) apareceu na Itália somente em 1990.

O ensaio de 1925 abre com uma epígrafe na qual se transcreve o trecho do livro *O Capital*, de Marx, onde se diz que o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que ele construiu o favo em sua cabeça antes de construí-lo em cera. A redução da teoria do comportamento humano à reflexologia escamoteia, disse Vigotski, o problema da consciência, portanto se inviabiliza a possibilidade de determinar a especificidade dos comportamentos propriamente humanos, diferenciando-os daqueles dos animais. O comportamento humano é organizado de modo que o ‘discurso interior’ acompanhe o seu comportamento. Em outros termos, o homem pensa sempre consigo mesmo, e isso influencia o seu comportamento. De que dimensão possa ser essa influência, não sabemos. Se se elimina a linha de confim entre o comportamento do animal e do humano, o componente histórico-social, que no comportamento humano é essencial, anula-se no biológico, e o componente psicológico é absorvido pela fisiologia (v. 1925, trad. it., p. 270).

Vigotski descreve como específico do comportamento humano – a ponto de poder afirmar que entre os animais e o homem há um “salto qualitativo”, evidenciado pelos processos psíquicos superiores (objeto de sua monografia *História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores*, 1931) –, além do fato de ele se basear na experiência social, na experiência histórica, também ser “experiência duplicada”, apresentando-se como construção de modelos antes de efetuar-se como ação.

<sup>2</sup>“Vigotski lia e usava outros textos-tabu, como as obras de Bakhtin-Volochínov.”

Essa capacidade de modelação do mundo de maneira diversificada e sempre renovável, que, com Sebeok, podemos chamar *linguagem (language)*, distinguindo do *falar (speech)* é socialmente e historicamente condicionada e distingue o comportamento humano daquele do animal. Ela comporta a criação de uma espécie de “estímulo artificial” que atua como “instrumento”, como “método”, como “estímulo-meio”, que medeia a relação estímulo-reposta própria dos processos psíquicos elementares, permitindo o salto dialético que dá lugar aos processos psíquicos superiores. A presença de “estímulos criados” junto aos outros “estímulos dados” com a sua função de “autoestimulação” e de *medium* na relação entre estímulo e resposta que, portanto, de direta, torna-se mediata, consentindo respostas diversificadas e qualitativamente diferentes daquelas diretas, é “a característica distintiva da psicologia do homem” (VYGOTSKIJ, 1931, trad. ita., p. 123).

Esses estímulos-meio artificiais desenvolvem uma função de autoestimulação e de mediação no comportamento humano, capazes de dirigir o próprio comportamento e o do outro; são sempre histórica e socialmente especificados (pela interconexão entre “experiência histórica”, “experiência social” e “experiência duplicada”) e são adquiridos pelo indivíduo no ambiente social, e, interiorizados, constituem a sua “consciência”. Esses estímulos-meio artificiais não são senão os signos específicos da linguagem humana. Introduzindo estímulos artificiais condicionados historicamente e socialmente, o ser humano “significa” o comportamento, conferindo-lhe um sentido, organizando-o segundo modelos, orientando-o segundo fins e valores.

Em *Pensamento e linguagem*, Vigotski desenvolve a sua pesquisa ocupando-se particularmente da linguagem verbal, considerada na relação com os processos cognitivos, no processo de interiorização, nas relações entre linguagem externa e linguagem interna e na relação entre sentido (o significado contextualizado) e o significado (a aceção de uma palavra compartilhada por uma comunidade de falantes e definível no dicionário).

Referindo-se às obras de Piaget de 1923 e de 1924 sobre linguagem e pensamento na criança, Vigotski refuta a tese de que a linguagem socializada seja precedida por uma linguagem egocêntrica, autista. O social não se encontra no fim do desenvolvimento, mas é a base dele, e a assim chamada linguagem egocêntrica pressupõe tal base. Ela se coloca no processo de interiorização da linguagem externa. É uma forma transitória da linguagem externa à linguagem interna. Ao esquema de Piaget, que indica a seguinte sucessão genética dos momentos fundamentais no pensamento lógico-verbal: pensamento autista não verbal – linguagem egocêntrica e pensamento egocêntrico –, linguagem social e pensamento lógico, Vigotski contrapõe o esquema: linguagem social – linguagem egocêntrica – linguagem interna.

Parece evidente, dadas essas premissas teóricas, que, para Vigotski, a escola assuma um papel fundamental no processo formativo da criança. Vigotski se ocupou diretamente e de modo sistemático da relação entre instrução e desenvolvimento psíquico. A aprendizagem é apresentada não como um processo unidirecional que vai de um emissor (o professor) a um receptor (o aluno), mas como um processo circular interativo.

Com a ajuda do professor, a atividade mental relativa à maturação ontogenética pode ser superada por uma atividade mental que faz parte da “área de desenvolvimento próximo” que antecipa, portanto, o desempenho cognitivo da fase seguinte das etapas da maturação. Como dependente do caráter interpessoal e social da instrução, não há muito sentido em falar abstratamente do desenvolvimento cognitivo infantil e pretender medi-lo isoladamente mediante os “testes de inteligência”. Trata-se, ao invés disso, de averiguar a capacidade de “desenvolvimento próximo” nos contextos (escolar, particularmente) que permitam o incremento daqueles estímulos-meio, os signos, que são a condição da extensão das funções cognitivas do homem.

Cada *medium*, por estar efetivamente em condições de produzir comportamentos mediados baseados na inventividade e na escolha responsável, *deve ser, por sua vez, mediato*. Para serem apreendidos os signos, os “estímulos-meio artificiais” requerem a mediação do professor e do contexto escolar. Para realizar plenamente as suas potencialidades de meio de desenvolvimento individual, cada *medium* precisa de um contexto social, que é tanto mais tal, quanto mais é multimedial.

Para além do desenvolvimento no âmbito do endereço “histórico-cultural” (v. MECACCI, 1992, p. 334-362), as ideias de Vigotski continuam a ter valor hoje, não apenas no plano teórico, mas também por aquilo que diz respeito às práticas relativas aos processos formativos, sobretudo na situação hodierna de enorme crescimento e potencialização dos “estímulos-meio artificiais” como resultado do desenvolvimento e difusão das novas tecnologias.

Não é casual que recorramos a Vigotski (v. GHISLANDI, 1995, p. 43; GALLIANI, 1995, p. 64; DANESI, 1998) quando se enfrentam problemas concernentes à educação e ao emprego dos novos meios que o desenvolvimento tecnológico coloca hoje à disposição. O ingresso dos novos meios na escola significa acréscimo da participação social e requer “a interação contínua com professores e colegas de estudo” (GHISLANDI, 1995, p. 43) em um “ambiente multimedial de interação” (GALLIANI, 1995, p. 43).

## 2 O PENSAR, O PENSAMENTO, A LINGUAGEM, A PALAVRA

Vigotski distingue entre *mysl'* e *myslenie*. *Mišlenie* é o processo de pensar, italiano *pensare*, inglês *thinking*, alemão *Denken*; enquanto *mysl'* é o produto, o resultado, do pensar: *pensamento*, italiano *pensiero*, inglês *thought*, alemão *Gedanke*. Mas em italiano e em português *mišlenie* é geralmente traduzido como *pensiero* e *pensamento*.

*Slovo* (*parola/palavra*) é o produto do *falar* (*reč*), como *mysl* (*pensamento*) é o produto do pensar.

*Reč* é *discurso/discurso*, é o *parlare/falar*, mas pode ser traduzido como *linguaggio/linguagem*, para distinguir do russo *jazyk* (que significa tanto língua como linguagem) e que é traduzido geralmente como *língua*.

Portanto *Myslenie i reč*, *Pensamento e linguagem*, italiano *Pensiero e linguaggio*, inglês *Thought and language*, alemão. *Denken und Spreken*.

Neste texto, quando entendemos oportuno, discriminamos, usando *pensiero*, *pensamento*, se corresponde, no texto de Vigotski, a *myslenie* ou a *mysl'*. Onde usamos *linguaggio/linguagem* e *parola /palavra* / indicaremos ao lado respectivamente (*reč* e *slovo*).

A complicada relação entre pensamento (*myslenie*) e linguagem (*reč*) tem, explica Vigotski, como seu problema central a relação entre pensamento (*mysl'*) e palavra (*slovo*). Não se enfrenta o problema da relação entre pensamento e linguagem quando nos limitamos a caracterizar o pensamento como “linguagem (*reč*) sem o som”, ou se fazemos coincidir o pensamento com a palavra, pois falta o próprio objeto da investigação tratando-se da relação do pensamento com ele mesmo. Também colocando entre pensamento e linguagem e entre pensamento e palavra uma relação de recíproca independência, certamente se coloca o problema da relação entre duas coisas diferentes, mas geralmente se acaba considerando a linguagem como expressão exterior do pensamento e a palavra como a sua roupagem. Considerando a relação entre pensamento (*mysl'*) e palavra (*slovo*), não se está apenas colocando o problema de sua relação, mas já se está dando a solução muito antes de tê-lo discutido. Pressupõem-se, assim, propriedades puras do pensamento enquanto tal, independente da linguagem, e propriedades da linguagem enquanto tal, independentemente do pensamento, para depois estabelecer o elo entre ambos como algo mecânico e exterior entre dois processos diferentes.

Um outro pressuposto que dificulta a investigação da relação entre pensamento e linguagem, observa Vigotski, consiste em não considerar que a função da linguagem é a *função comunicativa* e que, então, a linguagem é, antes de tudo, meio de *relação social*, meio de expressão e compreensão. Não se pode separar essa função da linguagem da sua função intelectual, como se se tratasse de duas funções paralelas e reciprocamente independentes.

A relação entre pensamento e linguagem não pode também prescindir da relação que ela tem com outros aspectos da vida da consciência, e em primeiro lugar do elo entre intelecto e afeto. Não se pode separar o aspecto intelectual da consciência do aspecto afetivo e volitivo, separando o pensamento de toda a plenitude da vida, dos impulsos, interesses, inclinações. Separando o pensamento do afeto, não se pode explicar o próprio processo do pensamento, porque se o isola dos motivos motores, das necessidades, dos interesses, dos impulsos, das tendências que dirigem o seu movimento.

Considerar a unidade dos processos afetivos e intelectivos, considerar o movimento que vai das necessidades e dos impulsos ao pensamento (*myslenie*) e aquele inverso que vai do pensamento (*mysl'*) ao comportamento, à ação concreta, é a condição de uma correta impostação do problema da relação entre pensamento e linguagem e do pensamento verbal com toda a vida da consciência no seu complexo, quaisquer que sejam as soluções que se deseje propor. É esta a conclusão que decorre do primeiro capítulo de *Myšlenie i reč*.

### 3 PENSAMENTO E PALAVRA

O capítulo de *Myšlenie i reč*, o sétimo, dedicado à relação entre pensamento (*mysl'*) e palavra (*slovo*) como produtos do pensar (*myslenie*) e do falar (*reč*) foi elaborado por Vigotski poucos meses antes de morrer.

As relações entre palavra e pensamento (*mysl'*) manifestam-se e realizam-se apenas no processo de desenvolvimento histórico, são o produto do processo evolutivo. Vale dizer que não há um elo originário entre pensamento e palavra. O elo entre eles aparece e se realiza no próprio curso do desenvolvimento do pensamento e da palavra.

Isso, porém, não significa que pensamento e palavra possam ser considerados como dois processos autônomos e preexistentes, buscando-se, em cada um, os elementos que expliquem a relação entre eles. É como se, para explicar por que a água apaga o fogo, se procurasse a explicação na composição da água em oxigênio e hidrogênio, para, depois, constatar que o oxigênio favorece a combustão e que o hidrogênio queima.

Ao método da decomposição dos dois termos da relação, o pensamento e a palavra, Vigotski propõe substituir a análise da própria relação de pensamento-palavra, vale dizer do pensamento verbal como unidade global procurando nele a unidade componente.

Vigotski individua a unidade componente que reflete na forma mais simples a unidade global do pensamento e da linguagem no *significado* da palavra, enquanto unidade global, não mais decomponível nos dois processos. Sem significado, a palavra não é mais palavra, e o significado enquanto generalização, enquanto conceito é ato do pensamento, fenômeno do pensamento (*myslenie*).

O significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno intelectivo e verbal: é intelectivo enquanto verbal, e é verbal enquanto intelectivo. É um fenômeno da linguagem enquanto a linguagem é ligada ao pensamento, e é um fenômeno do pensamento enquanto o pensamento é ligado com a linguagem. Portanto, a linguagem é unidade global de palavra e de pensamento (*mysl'*).

Trata-se, agora, de reconhecer, segundo Vigotski, uma vez reconhecido no significado o fenômeno que une palavra e pensamento, que o significado é caracterizado pela *mudança* e pelo *desenvolvimento*.

A relação entre o pensamento e a palavra é um processo, um movimento de um ao outro e vice-versa, e é um processo de desenvolvimento. O próprio processo do pensamento (*myslenie*), do pensamento (*mysl'*) à palavra, do pensamento que não se exprime na palavra, mas que nela se realiza, é desenvolvimento. A função que o pensamento (*mysl'*) desempenha, o trabalho que ele realiza, a solução que ele propõe se efetuam como movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento.

A consideração da mudança e do desenvolvimento do significado da palavra como característica da relação entre pensamento e palavra comporta o reconhecimento da não validade de sua interpretação em termos de associacionismo. Se a palavra evocasse o seu significado, em termos de associação como um casaco habitualmente vestido por uma pessoa conhecida evoca aquela pessoa, a relação entre a palavra e o seu significado não poderia modificar-se, reforçar-se ou enfraquecer-se, enriquecer-se de novos elos, alargar-se ou restringir-se.

Um dos limites da semântica consiste, diz Vigotski, em conceber a relação entre palavra e significado, entre *significant* e *signifié*, poderíamos dizer utilizando a terminologia de Saussure, em termos de associação.

Isso vale também quando se quer explicar esta relação dizendo que eles formam uma única estrutura. Também da explicação, que pode valer genericamente para qualquer relação e que, então, nada diz sobre a especificidade da relação entre pensamento e palavra, excluem-se a mudança e o desenvolvimento, a variabilidade, a inconstância e a dinâmica da relação. Assim, não há nada de novo na explicação estruturalista em relação à associacionista. E como na poesia de Heine, diz Vigotski *Mišlenie i reč* (tr. it., 1995, p. 333), o novo soberano resulta semelhante ao velho, “o novo Schablon (Modelo) se assemelha ao velho Schablon (Modelo)”.

A indeterminação, a ductibilidade semântica da palavra, que a tornam adaptável a funções novas e diversas e a contextos situacionais diferentes – diversamente da concepção que lhe atribui uma relação de comutação prefixada entre significante e significado, reduzindo o seu caráter de signo ao de sinal no qual há uma única relação biunívoca entre significante e significado – permitem explicar o seu uso efetivo na comunicação interpessoal e na reflexão solitária, o seu emprego seja dialógico, seja monológico, o seu funcionamento na já mencionada “linguagem interna” e no “diálogo interior”. Segundo Vigotski, a língua não constitui uma forma única e fixa de atividade verbal, mas um conjunto de funções verbais diversas. Já o formalismo russo, ao qual Medviédev havia dedicado o seu livro de 1928, evidenciara as diferenças específicas da linguagem poética em relação à prosa da linguagem ordinária. Vigotski, ao demonstrar que não se pode considerar a língua como um repertório de regras fixas e como complexo único de funções, cita Humboldt, por já ter evidenciado na língua a diferença dessas duas variedades funcionais, aquela da poesia, que é inseparável da música, e aquela da prosa, que dispõe unicamente dos recursos oferecidos pela língua.

Vigotski, no estudo da linguagem ou discurso interno, evoca a contribuição dada por L. P. Jakubinkij ao estudo do diálogo e da enunciação, considerando-o como base para uma abordagem adequada a tal tipo de discurso, julgando, como Jakubinskij, inaplicáveis, ao invés, as categorias elaboradas pela Linguística. Sob esse ponto de vista, a abordagem de Vigotski se assemelha muito a de Bakhtin e da sua escola, seja no que diz respeito às análises desenvolvidas por Bakhtin na sua obra sobre Dostoiévski (1929), seja no que diz respeito ao estudo da linguagem ordinária por parte de Volochínov (1926) e da linguagem literária por parte de Medviédev (1928).

A atenção dada ao aspecto dialógico da linguagem permite a Vigotski caracterizar a linguagem escrita, como necessariamente mais formal que a falada, como fonológica, em comparação com a oral, coloquial, tendo, ao invés, um caráter geralmente dialógico.

A imposição dada ao estudo da linguagem permite a Vigotski tratar também do tipo de discurso entre pessoas em relação de contato, de familiaridade, de recíproca compreensão entre si, que, então, podem recorrer a uma “linguagem abreviada”, feita de poucas palavras, feita de alusões; que conseguem se fazer entender sem ter de recorrer a palavras precisas e sem ter de precisar e explicitar tudo para se fazerem compreender. Trata-se do subentendido, do qual também Volochínov tratou na comunicação ordinária no ensaio de 1926, *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Geralmente nos comunicamos por subentendidos. E quanto mais são os subentendidos mais forte é o grau de relações que intercorrem entre os interlocutores. O discurso formal no qual não somente tudo deve ser precisado, mas no qual as enunciações devem ser sintaticamente bem formadas e semanticamente completas é substituído por um tipo de linguagem feita de abreviações, de frases incompletas, de um falar mais discursivo, de expressões de pensamento de forma condensada, com o emprego de um número bastante reduzido de palavras. Disso Vigotski se ocupa na última parte do capítulo sétimo de *Myšlenie i reč*, dedicado à relação entre o pensamento e a palavra, entre *mysl'* e *slovo*, como produtos do pensar do falar (*myšlenie* e *reč*).

Particular atenção, como em Bakhtin e no seu Círculo, é dada, por Vigotski neste sétimo capítulo, ao fenômeno da *entonação*, como característica específica da enunciação. À entonação, também Bakhtin, Medviédev e sobretudo Volchínov (1926 e 1929) dedicaram particular atenção. A orientação social da enunciação se manifesta exatamente na entonação, que se situa no confim entre o dito e o não dito, entre o verbal e o não verbal. Ela é afetada pela relação que se estabelece entre falante e destinatário em relação às valorações subentendidas, variando dependendo de haver ou não uma comunhão de valoração, um tipo de ‘apoio coral’. Na entonação, revela-se majoritariamente a dependência da enunciação de uma certa comunhão de valorações. Quando uma pessoa supõe que o interlocutor não esteja de acordo, ou quando não está segura e duvida desse acordo, dá uma entonação diferente às suas palavras em relação a quando pode contar com um subentendido ‘apoio coral’ e, em geral, nesse caso, constrói as suas enunciações de maneira diferente. Acontece, para a entonação e para a organização global do discurso, o que acontece em outras formas de comportamento em que se exprime o ‘contato’ interpessoal: se alguém que está rindo enquanto se encontra em um grupo se percebe como sendo o

único a rir, o riso cessa ou muda de entonação, tornando-se também histérico e, nesse caso, perdendo a sua autenticidade ao mesmo tempo a confiança nos outros.

A entonação é decisiva para a compreensão do sentido e, sobretudo, do subentendido. Os ‘significados subentendidos’ dependem do caráter intersubjetivo e dialógico da prática do significar, que pressupõe um saber compartilhado, uma orientação em direção ao ponto de vista do outro e em várias direções culturais. Como Volochínov particularmente sublinha, tanto mais pode haver subentendidos quanto mais os significados têm a ver com elementos da vida social estáveis e constantes, com eventos, experiências, valores, programas de comportamento, conhecimentos e estereótipos que são de domínio público, socialmente determinados.

É interessante que tanto Vigotski, no sétimo capítulo de *Mišlenie i reč'*, quanto Volochínov em *Slovo v žizni i slovo v poezii (A palavra na vida e a palavra na poesia, 1926, em russo e em italiano em Bachtin e il suo Circolo, 2014, p. 1698-1703)* – a demonstrar como funciona a entonação e como, graças a ela, pode-se fazer, na comunicação ordinária, diálogos inteiros, se possa conversar, também animadamente, reduzindo todos os discursos a uma só palavra, um substantivo brevíssimo, máxima “abreviação” que a linguagem oral possa permitir – reportem ambos, por inteiro, um trecho de Dostoiévski.

Trata-se das páginas 274-275 de *Dnevnik pisatelja* (Diário de um escritor) nas quais Dostoiévski (1906) descreve a discussão que lhe aconteceu de escutar, pela estrada, entre seis artesãos bêbados, na qual todos os seis usavam apenas uma palavra e a mesma palavra, dando-lhe entonações e, portanto, sentidos completamente diferentes, compreendendo um ao outro perfeitamente, estando, algumas vezes, de acordo entre eles e, outras vezes não, às vezes manifestando entusiasticamente o próprio consenso recíproco, outras o próprio desapontamento e o próprio dissenso, mas sempre com o mesmo brevíssimo substantivo.

O que Vigotski quer mostrar, acima de tudo, é que o pensamento (*mysl'*) não se exprime na palavra (*slovo*), mas se realiza na palavra, e que ele nunca corresponde ao significado direto das palavras, o qual tem, ao invés, a função de mediar as palavras: o caminho do pensamento à palavra é um caminho indireto, internamente mediado, e esta mediação é sempre de natureza social.

Mas há um outro ponto ao qual Vigotski retorna, ao fim do sétimo capítulo de *Mišlenie i reč'*, e concerne à relação entre pensamento, palavra e afeto, à qual já havia feito referência anteriormente. O pensamento geralmente não nasce de um outro pensamento, mas de motivações, impulsos, afetos, emoções. E a compreensão real do pensamento alheio é possível somente descobrindo os bastidores afetivo-volitivos.

O sétimo capítulo, sobre a relação entre pensamento e palavra, conclui-se e com ele o livro *Mišlenie i reč'* com a indicação de um outro problema cujo limiar conduz à pesquisa sobre a relação entre pensamento e linguagem: o problema da consciência. Pensamento e linguagem, diz Vigotski são a chave para compreender a natureza da consciência humana. E cita Marx e Engels, *A ideologia alemã* (que tinha sido publicada em russo alguns anos antes, exatamente em 1932), em que se diz que a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para outros homens e, portanto, é a única existente também para mim mesmo. Assim, para Vigotski, não somente o pensamento, mas toda a sua consciência como um todo é ligada ao desenvolvimento da palavra.

## REFERÊNCIAS

BACHTIN, Michail. Per una filosofia dell'atto responsabile. Trad. it. con testo russo a fronte. In: BACHTIN, Michail e il suo Circolo. **Opere 1919-1929**. Milano: Bompiani, 2014 [1920-24]. p. 33- 167. [Trad. em português: **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2010] [1920-24].

\_\_\_\_\_. Problemy tvorčestva Dostoevskogo, Problemi dell'opera di Dostoevskij. Testo russo a fronte e trad. it. In: BACHTIN, Michail e il suo Circolo. **Opere 1919-1929**. Milano: Bompiani, 2014 [1929]. p. 1053-1423.

BACHTIN, Michail e il suo Circolo. **Opere 1919-1929**. Testo russo a fronte, trad. it. e cura di Augusto Ponzio con la collaborazione di Luciano Ponzio. Milano: Bompiani, 2014. (Collana "Il Pensiero Occidentale" diretta da Giovanni Reale).

DANESI, Marcel. **The body in the sign: Thomas A. Sebeok and semiotics**. Toronto: Legas, 1998.

DANESI, Marcel. The body in the sign: Thomas A. Sebeok and semiotics. Trad. it di S. Petrilli. In: DANESI, M.; PETRILLI, S.; PONZIO. **Il corpo nel segno. Introduzione alla semiotica globale**. Bari: Graphis, 2004.

DOSTOEVSKIJ, Fëdor. Dnevnik pisatelja [Diario di uno scrittore]. In: VOLOSHINOV, V. N. **Polnoe sobranie socinenij F. M. Dostoevskogo**. vol. IX. Trad. it. di E. Lo Gatto, *Diario di uno scrittore*. Intr. di A. Torno. Milano: Bompiani, 2007 [1906]. p. 163-164.

JAKOBSON, Roman. **Una generazione che ha dissipato i suoi poeti**. Il problema Majakovskij. Trad. it. e a cura di V. Strada, Milano: SE, 2004. [1930].

GALLIANI, Luciano. Ambiente sociale di apprendimento. In: GHISANDI, Patrizia (a cura di). **Oltre il multimedia**. Milano: Franco Angeli, 1995.

GHISANDI, Patrizia (a cura di). **Oltre il multimedia**. Milano: Franco Angeli, 1995.

KORNILOV, K.N. **Psichologgija i marksizm**. Mosca-Leningrado, 1925.

MARX, Karl; ENGELS, Friedric. Die deutsche Ideologie. [Trad. russa 1932]. Trad. it. di F. Codino. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedric. **Opere complete**, vol. V, Roma: Editori Riuniti, 1972.[1845].

MECACCI, Luciano. **Storia della psicologia del Novecento**. Roma-Bari: Laterza, 1992.

MEDVEDEV, Pavel N. Formal'nyj metod v literaturovedenii. Kriticeskoe vvedenie v sociologiceskiju poetiku. Trad. it. con testo russo a fronte, *Il metodo formale nella scienza della letteratura*. In: BACHTIN, Michail e il suo Circolo. **Opere 1919-1929**. Milano: Bompiani, 2014 [1928], p. 599-1425.

\_\_\_\_\_. **O método formal nos estudos literários**. Trad. E Vókova Américo e S Carmago Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **A revolução bachtiniana**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

PONZIO, Luciano. **Roman Jakobson e fondamenti della semiotica**. Milano: Mimesis, 2015.

VOLOŠINOV, Valentin N. **Frejdzizm**, Gosizdat. Trad. it. *Freudismo*, a cura di G. Mininni. Introd. A. Ponzio e G. Mininni. Bari: Dedalo, 1977 [1927].

\_\_\_\_\_. Marksizm i filosofija jazyka. Trad. it. con testo russo a fronte. In: BACHTIN, Michail e il suo Circolo. **Opere 1919-1929**. Milano: Bompiani, 2014 [1929]. p. 1422-1839.

\_\_\_\_\_. (Sotto il nome di M. Bachtin). **O freudismo**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. **Parola propria e parola altrui nella sintassi dell'enunciazione**. Introd. e cura di A. Ponzio. Lecce: Pensa Multimedia, 2009. [Trad. em português: *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos/SP, Pedro & João Editores, 2011].

VYGOTSKIJ, Lev. **Psichologija iskusstva**, Mosca 1965 e 1968. Pref. di A. N. Leontjev. Note e commento di Ivanov. Trad. it. *Psicologia dell'arte*. Roma: Editori Riuniti, 1925a.

\_\_\_\_\_. "Soznanie kak problema psichologii povedenija" [La coscienza come problema della psicologia del comportamento]. In: KORNILOV, K. N. (a cura di). **Psichologija i marksizm**. Mosca/Leningrado, 1925b. p. 175-198.

\_\_\_\_\_. Myslenie i rec'. In: \_\_\_\_\_. **Pensiero e linguaggio**. Mosca/Leningrado, 1934. Edizioni critica a cura di Luciano Mecacci. Bari: Laterza, 1990. VYGOTSKIJ, Lev. **Istorija razvitija vyssich psichiceskih funkcij**. Mosca, 1960. Trad. it. *Storia dello sviluppo delle funzioni psichiche superiori*, a cura di M. S. Veggetti. Firenze: Giunti-Barbera, 1974.

Recebido em 07/11/2016. Aceito em 08/11/2016